

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRICIA FORNITANI CARVALHO DO NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR E O USO DE MÍDIAS E
RECURSOS TECNOLÓGICOS: APLICAÇÃO E RESULTADOS NA ESCOLA E. M.
PRES. TANCREDO DE ALMEIDA NEVES**

CURITIBA

2018

PATRICIAFORNITANI CARVALHO DO NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO ESCOLAR E O USO DE MÍDIAS E
RECURSOS TECNOLÓGICOS: APLICAÇÃO E RESULTADOS NA ESCOLA E.
M. PRES. TANCREDO DE ALMEIDA NEVES**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Dr.^a Melissa Reichen

CURITIBA

2018

A importância do planejamento escolar e o uso de mídias e recursos tecnológicos: aplicação e resultados na escola E. M. Pres. Tancredo de Almeida Neves

Patrícia Fornitani Carvalho do Nascimento

RESUMO

O presente estudo se concentrou na relação entre o planejamento e o processo de escolha dos recursos tecnológicos e de mídias para avaliar os seus resultados nas atividades pedagógicas realizadas na Escola Municipal Pres. Tancredo de Almeida Neves, no município de Ubatuba. Com o objetivo de analisar como o planejamento pode orientar o processo de ensino aprendizagem através da utilização de recursos tecnológicos e de mídias, buscou-se refletir sobre as etapas do planejamento, sua importância no contexto escolar e verificar os resultados obtidos. Para tanto, o estudo de caso se concentrou na análise do planejamento por meio da aplicação de sequências didáticas apoiadas por recursos tecnológicos da TV e da Sala de Informática para duas turmas de 9º ano e uma turma do 6º, das disciplinas de História e Geografia, entre agosto e outubro de 2017. Os resultados demonstraram que nem todos os alunos participam das atividades, mesmo com o uso de recursos tecnológicos. Grande parte tem dificuldade na busca de informações para tirarem suas dúvidas, mesmo com o acesso às ferramentas tecnológicas e internet facilitado, o que demonstra que ainda há dificuldades básicas na forma de utilização dessas ferramentas para auxiliarem o seu aprendizado. Conclui-se que os objetivos do planejamento orientaram tanto a forma de ação como a escolha de recursos, métodos e de avaliação da aprendizagem dos alunos de forma eficaz. O fato de os alunos terem acesso aos recursos tecnológicos não é pressuposto de que sabem utilizá-los de maneira eficaz, do ponto de vista pedagógico. Por isto, além de saber utilizar pedagogicamente estes recursos, os professores precisam dar orientações claras aos alunos quanto às etapas e métodos de utilização.

Palavras-chave: Planejamento, Recursos Tecnológicos, Sala de Informática, Mídias, Sequência Didática.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho docente, na atualidade, encontra-se em processo de transformações profundas devido às mudanças estruturais na sociedade. Desde que iniciei a carreira docente como professora de História da Escola Municipal Pres. Tancredo de Almeida Neves (EM Tancredo), no município de Ubatuba, SP, desde o ano de 2015 até o presente momento, percebo a constante busca pelas novas formas de organização, planejamento, atualização e introdução de recursos tecnológicos para facilitar o ambiente de ensino-aprendizagem.

Formada em licenciatura plena em História e especialista em Gestão Estratégica em Políticas Públicas, os temas de planejamento e recursos tecnológicos foram despertados primeiro como interesses a serem aprofundados, importantes para o desenvolvimento e melhorias do processo de ensino-aprendizagem no qual me adentrei profissionalmente.

Contudo, devido a lacunas existentes quanto à compreensão do planejamento como ferramenta efetiva e eficaz de orientação e norteamento das ações pedagógicas, inclusive na escolha de quais recursos tecnológicos e métodos a serem utilizados, as primeiras buscas para solucionar esses questionamentos não foram tarefa fácil, a princípio. Na biblioteca da escola onde leciono e mesmo na biblioteca do município de Ubatuba não encontrei livros que tratassem do tema do planejamento educacional especificamente, assim como as suas etapas a serem elaboradas na escola e pelo professor na sua prática. Assim, buscar meios para estudar o planejamento como processo organizador de ação pedagógica apoiado em recursos tecnológicos e de mídias foi o primeiro passo dado nesse caminho.

Neste sentido, descobrir como o planejamento pode orientar o processo de escolha dos recursos tecnológicos e de mídias e avaliar os seus resultados nas atividades pedagógicas das disciplinas de História e Geografia dos alunos dos 9º e 6º anos foi a questão norteadora desta pesquisa.

A presente pesquisa realizou-se na EM Tancredo, durante os meses de setembro e outubro de 2017, com os alunos dos 6º e 9º anos, nos quais fui professora de História e Geografia. Os recursos tecnológicos escolhidos foram a televisão e a sala de informática.

Esses recursos tecnológicos estão presentes na escola e são constantemente utilizados pelos professores como auxiliares pedagógicos na busca de aulas interativas e dinâmicas. Contudo, nem sempre é possível perceber se os resultados foram alcançados e o quanto esses recursos puderam facilitar a aprendizagem dos alunos. É no processo de construção de cada etapa do planejamento educacional que o professor deveria refletir o caminho a ser percorrido para alcançar o objetivo principal da educação, a aprendizagem do aluno, escolhendo os conteúdos e os recursos materiais e tecnológicos que auxiliarão na conquista desse objetivo.

Porém, o planejamento acabou por se transformar em algo burocratizado, ou seja, passou a ser entregue como parte do trabalho do professor, sem a devida reflexão e acompanhamento que demanda. Com isso, a proposta do desenvolvimento desta pesquisa é apresentar aos professores da Educação Básica que os métodos de ensino-aprendizagem auxiliados pelos recursos tecnológicos e de mídia dependem de um planejamento eficaz para o alcance dos objetivos pedagógicos.

Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa foi o de analisar como o planejamento pode orientar o processo de ensino aprendizagem através da utilização de recursos tecnológicos e de mídias, assim como refletir sobre as etapas do planejamento escolar e sua importância no contexto escolar e verificar os resultados obtidos com o uso dos recursos tecnológicos e de mídias, previamente planejados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

As mudanças fazem parte da vida cotidiana na atualidade, seja na forma de interagir e de se comunicar com o outro, seja nas mudanças estruturais e políticas da sociedade. Lenir Cancelli André (et al., 1995) explica que, por conta desta constante mudança, o homem é impulsionado a buscar novos conhecimentos para compreender a vida em sociedade e agir dentro dela. É através da reflexão e do planejamento que o homem entende e julga a realidade, além de organizar a sua ação. O planejamento, por sua vez, não deve ser entendido como algo imutável ou uma fórmula mágica, apenas como um organizador das atividades adequadas para uma determinada realidade (ANDRÉ et al., p. 11, 13).

No âmbito educacional não é diferente. Para conseguir essa organização de ações para uma escola, por exemplo, o planejamento pode ser dividido em etapas: o planejamento educacional, o planejamento curricular e o planejamento de ensino. O planejamento educacional, concentrado nos problemas da educação, define, a partir do contexto, as prioridades gerais referentes ao âmbito educacional. Relativo especificamente à escola, o planejamento curricular sistematiza e faz uma previsão de toda a ação escolar conciliando os objetivos educacionais previamente estipulados no planejamento educacional. Já o planejamento de ensino é elaborado pelo professor, ou grupo de professores, a partir do planejamento curricular elaborado pela escola. Este depende de fatores como a previsão dos resultados desejáveis e dos meios necessários para alcançá-los (ANDRÉ et al., pp. 14-19).

Entre o planejamento de ensino individual e o coletivo, a autora aponta que há vantagens na escolha do segundo, entre elas o desenvolvimento de habilidades à vida comum dos próprios professores, crescimento profissional, ajustamento às mudanças, além de possibilitar a autodisciplina, responsabilidade e união nas decisões em conjunto (ANDRÉ et al., p. 19). Porém, o que ressalta sobre o trabalho cooperativo entre professores é que esse processo demanda o conhecimento e acesso às etapas anteriores do planejamento na educação, assim como um ambiente favorável para a construção em equipe de um planejamento eficaz e norteador dos planos de aulas que o professor, individualmente, irá organizar, acompanhar e avaliar durante o ano letivo.

Após o esclarecimento das bases, etapas e referências necessárias à construção do planejamento de ensino, Délcia Enricone (ANDRÉ et al., 1995) ressalta que a escolha dos objetivos não deve ser confundida com as atividades a serem desenvolvidas com os alunos. Para isso, Enricone ensina um método simples para diferenciar atividade e objetivo, sugerindo ao professor, durante a formulação de um procedimento de ensino, se questionar: “O que o aluno aprenderá?” Se a pergunta for respondida, significa que o objetivo foi definido. Caso contrário, o planejamento descreve apenas a atividade e não esclarece qual é o objetivo, ou seja, o comportamento que se espera do aluno, de forma mensurável, ao fim daquela atividade (ANDRÉ et al., p. 66, 70).

Para se atingir os objetivos propostos, a escolha dos recursos materiais é relevante para que a aprendizagem se concretize. Mesmo que o acesso a esses

recursos seja facilitado aos professores, Enricone alerta que o professor deve levar em conta a sua preparação na utilização do recurso escolhido, a capacidade de experiência dos alunos e a forma adequada de seu uso, evitando tanto o desperdício de tempo como o seu uso excessivo, o que acarretaria em uma limitação da capacidade de abstração dos alunos (ANDRÉ et al., p. 42). Explica:

Se compararmos a evolução do progresso técnico e científico dos últimos anos em setores diferenciados da vida humana, constataremos que a escola ainda não soube aproveitar as enormes possibilidades do verdadeiro arsenal de auxiliares didáticos que já lhe está à disposição. Por outro lado, os professores nem sempre estão preparados ou até mesmo desconhecem como podem influir sobre as decisões a respeito da elaboração e do emprego dos modernos multimeios, isto é, do uso conjugado de variados recursos de ensino. Como um recurso isolado não é completamente eficiente, surgiu a ideia do uso combinado de vários recursos em um só momento do ensino. (ANDRÉ et al., p. 159)

Quanto a essa preocupação, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) iniciou o projeto “Padrões de Competência em TIC para Professores” (UNESCO, 2009) com a meta de melhorar a prática docente, não só nas habilidades de Tecnologia e Informação (TIC), mas estas habilidades como parte de uma abordagem que inclui política, currículo e avaliação, pedagogia, uso da tecnologia, organização e administração da escola e desenvolvimento pessoal. Tais instruções são importantes na atualidade, visto que dentre os recursos materiais disponíveis para serem utilizados na educação, os recursos tecnológicos estão cada vez mais presentes devido à sua alta acessibilidade nos ambientes escolares.

Por esse motivo, mais do que escolher os objetivos a atingir e os recursos que ajudarão a alcançar o conhecimento necessário para o novo contexto social, compreender quais são os tipos de saberes necessários perante essa nova realidade é importante na hora de planejar. Edgar Morin (2000) nos norteia neste assunto ao descrever os sete saberes essenciais considerados buracos negros na educação atual. O primeiro é a necessidade de trabalhar com os alunos o conceito de conhecimento não como a realidade em si, mas como uma reconstrução da realidade. O conhecimento contextualizado, conectado, é o segundo ponto, diferentemente das divisões disciplinares adotadas pelas unidades de ensino. O terceiro saber essencial é a pertinência em focar a identidade humana, enquanto que o quarto ponto é a compreensão humana, fator essencial para que os alunos percebam que pertencemos a um grupo social, acima das divisões geográficas e

culturais. O quinto saber é mostrar que a incerteza faz parte da vida. Já o sexto e sétimo saberes são sobre a condição planetária globalizada, interligada e a tomada da consciência social.

Assim sendo, os recursos tecnológicos a serem utilizados pedagogicamente em sala de aula precisam, primeiramente, ter seu acesso facilitado no ambiente escolar. Em segundo lugar, os professores precisam conhecer métodos e treinar as habilidades necessárias ao uso dessas tecnologias para que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem. Em terceiro lugar, compreender que elas são a chave de acesso a informações e conhecimentos que poderão ser combinadas, recombinaadas e reelaboradas de forma a contribuir com o processo de aprendizagem dos alunos. E, por último, através desses recursos poderemos alcançar os objetivos de aprendizagem de forma conectada com os saberes necessários para esta nova realidade educacional.

Dentre a diversidade de recursos tecnológicos disponibilizados para a comunicação, entretenimento e informação, focalizei apenas nos que são acessíveis para utilização no ambiente escolar mais amplo, ou seja, a sala de informática e a TV.

2.1.A Informática na educação

Desde que os computadores começaram a ser disponibilizados nas unidades escolares, passaram a ser ferramentas importantes para a introdução de atividades mais dinâmicas do que as possibilitadas pelos métodos mais tradicionais. Acesso a páginas interativas, imagens de ilustração dos conteúdos, hipertextos para complementar os temas trabalhados, vídeos, filmes etc., são inúmeros os exemplos do que os professores e alunos poderiam explorar através deste recurso tecnológico. Contudo, há diferentes formas de trabalhar todos esses meios disponibilizados por esta tecnologia que poderão trazer resultados muito diferentes.

Quanto à utilização da informática na escola, Iríades Teixeira (2011) lembra que há dois paradigmas, o instrucionista e o construcionista, que podem levar a resultados diferentes do ponto de vista da relevância. No paradigma instrucionista, o computador será um suporte ou complemento de uma atividade, bastando um conhecimento básico de informática por parte do professor. Porém, no paradigma

construcionista, o professor precisar ter formação e treinamento, pois é necessário ter um conhecimento mais aprofundado da ferramenta, além de conhecer os processos de aprendizagem e de quais fatores contribuirão nestes processos (VALENTE, 1995 apud TEIXEIRA, 2011, p. 13).

Teixeira também remete a Moran para discorrer sobre a importância da integração do ensino através da informática com o contexto estrutural de mudança no processo de ensino-aprendizagem. Sem isso, o acesso à Internet será mais uma tecnologia que reforçará as formas tradicionais de ensino. (MORAN, 1997 apud TEIXEIRA, 2011, p. 14.)

Na perspectiva de um conceito de ensino construcionista e que seja integrado a um novo modelo de ensino aprendizagem, o conceito de computação em nuvem (*cloud computing*) se torna interessante para trabalhar com os alunos dentro do ambiente escolar na Sala de Informática. Há alguns anos, acessar documentos pessoais somente era possível em computadores próprios. A computação em nuvem permitiu o acesso a esses documentos também por servidores remotos, computadores ou celulares, desde que tenham conexão à internet.

Rafael Bennertz (2011) indica que “a computação em nuvem pode auxiliar os professores não apenas no planejamento, mas também na organização, elaboração, aplicação e avaliação de diversas atividades com os alunos.” O trabalho em grupo, por exemplo, fica mais produtivo, visto que todos podem alterar um mesmo documento simultaneamente, sem precisar sair de suas casas. Da mesma forma, o professor também pode centralizar o recebimento dos materiais, corrigindo-os de qualquer dispositivo que acessar, explica Bennertz. Evidentemente, os trabalhos em grupo na Sala de Informática poderão ser feitos pelos alunos no método 1:1, ou seja, um computador para cada aluno, construindo ou fazendo uma atividade simultaneamente, seja ele um texto, um gráfico, uma pesquisa em conjunto, etc.

Assim, planejar uma ou mais atividades na Sala de Informática requer algumas das considerações citadas, ou seja, o paradigma de aprendizagem adotado pelo professor e os meios escolhidos para os alunos desenvolverem a atividade. É importante ressaltar que tanto o professor como os alunos precisam ter conhecimentos prévios quanto ao uso de ferramentas tecnológicas, assim como dos meios que serão utilizados através do computador.

2.2. O recurso tecnológico da TV e o vídeo documentário

O uso de mídias no ambiente escolar é um dos recursos mais utilizados pelos professores como apoio didático dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. O vídeo, popularizado principalmente pelo seu contexto social midiático amplificado tanto pela TV como pelas plataformas digitais disponibilizados pelo amplo acesso à Internet, tem sido um aliado da prática docente na busca de melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem.

Elson Faxina conceitua o vídeo como um “instrumento de comunicação, uma ferramenta de informação, um recurso didático, formado por um discurso estabelecido a partir de uma sequência de imagens em movimento [...]” (FAXINA, 2017, p. 04). Para o autor, a produção do audiovisual precisa funcionar como desencadeador de estudos e debates no ambiente escolar. Enfatiza que a TV e o vídeo não são portadores de uma linguagem total e nem se pode esperar deles a resolução de problemáticas da escola (FAXINA, 2017, p. 03, 08).

Isso significa que o vídeo-documentário pode ser um ótimo meio para compreender uma sociedade, as diversas formas de expressão e representação, mas ele não pode ficar restrito, em um planejamento de ensino, a ferramenta que apenas ilustra um conteúdo. O uso de vídeos no contexto escolar não deve também ser um método para controle de indisciplina, nem de “tapa buraco”. Vale lembrar que um o planejamento que indique o uso desse recurso deve indicar claramente os objetivos a serem alcançados em direção ao aprendizado do aluno, nos seus vários aspectos.

3 METODOLOGIA

A EM Tancredo, localizada na cidade de Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, atende alunos dos ciclos III (6º e 7º anos) e ciclo IV (8º e 9º anos) do Ensino Fundamental II, além de ser uma das duas únicas escolas da rede municipal que atende ao público desses dois ciclos. Desde o ano 2000, a escola de Ensino Fundamental funciona no mesmo prédio da escola municipal ETEC, que oferece cursos de Educação Profissional Técnica de forma integrada ao Ensino Médio. São oferecidos o Ensino Médio Integrado à Administração (MIA), Ensino Médio

Integrado à Contabilidade (MIC) e o Ensino Médio Integrado à Informática (MIN). Além disso, a escola também disponibiliza dois cursos de Ensino Técnico Subsequente (Pós-Médio) em Meio Ambiente (MA) e de Guia Turístico (GT). É importante salientar que o MIN foi um curso que surgiu por conta do projeto de iniciação científica em parceria com o INPE, o UbatubaSat. Iniciado em 2010 e idealizado por um de seus professores, o projeto objetivou a construção de um satélite com os alunos do 6º ano, lançado no espaço em julho de 2017¹.

Por conseguinte, a proposta desta pesquisa insere-se no contexto tecnológico que a escola proporciona aos seus alunos. O estudo de caso se concentrou na análise do planejamento como orientador do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem através da utilização de recursos tecnológicos e de mídias. Para tanto, os planos sequenciais foram aplicados nas disciplinas de História e Geografia, para alunos de duas turmas do 9º ano e uma turma do 6º, entre os meses de agosto e outubro de 2017.

As sequências didáticas foram organizadas priorizando os objetivos a serem alcançados pelos alunos no bimestre correspondente, através da escolha de conteúdos previstos para o período e recursos que facilitariam o processo de aprendizagem. Para os alunos do 9º ano A, no qual ministrei a disciplina de Geografia, foi aplicada a sequência didática denominada “Percepção da hidrografia no meio urbano – Rio Acaraú, Ubatuba-SP”. Já para os alunos do 9º ano E e 6º A, em que lecionei a disciplina de História, o primeiro teve como sequência didática “O regime militar no Brasil”, enquanto o segundo a sequência sobre a mitologia grega a partir do mito de Hércules. Os recursos escolhidos como apoio à aplicação desses planos de aulas foram a sala de informática e o vídeo-documentário.

A análise consistiu nos resultados das avaliações quanto aos objetivos propostos nas sequências didáticas, expostas em gráficos, bem como observações pertinentes e as dificuldades encontradas durante o processo.

¹ Mais informações no Portal do MEC: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/39831>, na Página Oficial no Facebook: <https://www.facebook.com/ubatubasatproject>; Documentário na TV Escola: <https://tvescola.mec.gov.br/tve/video/especiais-diversos-projeto-ubatuba-sat-uma-jornada-de-conhecimento>; Notícia no Jornal o Globo sobre o lançamento do satélite: <https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/satelite-criado-por-alunos-de-escola-publica-de-sp-sera-lancado-no-espaco-20611217>

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Como apresentado anteriormente, o planejamento de ensino é a etapa em que o professor organiza a sua ação para alcançar o objetivo principal, o aprendizado do aluno. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de cada disciplina definem “as referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras”, tendo, dentre outros objetivos, que os alunos consigam compreender a cidadania e se posicionar de maneira crítica em diferentes situações. Ainda que o documento indique eixos temáticos, subtemas e conteúdos a serem trabalhados, deixa claro que são sugestões ao professor. Este escolherá, de acordo com um diagnóstico prévio, o que será importante na formação histórica, social e intelectual dos alunos, de acordo com as problemáticas pertinentes à realidade no qual estão inseridos. (PCN História, p, 6, 7, 47)

Ora, o PCN de cada área da disciplina é uma forma de organização de conteúdos, sugestões de eixos e temas a serem abordados em cada ciclo escolar, mas a autonomia do professor quanto à forma de trabalhá-los em sala de aula é incentivada, visto que conhece a realidade em que atuará.

[...] o professor deve ter sempre em mente que o trabalho do docente não consiste em reproduzir conhecimentos e métodos de ensino pré-fixados ou pré-concebidos. As vivências escolares são cheias de momentos imprevisíveis, que precisam ser reconhecidos como particulares e não como rotinas padronizadas em modelos. Os materiais, os recursos e os métodos didáticos podem e devem ser múltiplos e diversificados (PCN História, p. 80).

Em suma, mesmo seguindo a orientação sobre quais temas e conteúdo a serem abordados em cada ciclo, o professor tem flexibilidade quanto à forma em que irá abordá-lo em sala de aula. Em vista disso, para conseguir acompanhar o avanço do aluno quanto à sua aprendizagem e os objetivos principais da disciplina, incluindo a formação integral do cidadão, o conteúdo não pode se restringir à sua forma teórica e ser pautado por um plano meramente burocrático. Explorar os recursos tecnológicos através de um planejamento contundente ajudará de modo mais eficiente tanto o acompanhamento como a própria formação do aluno.

Em vista disso, o processo de elaboração e escolha das sequências didáticas levaram em conta os objetivos a serem alcançados pelos alunos, a partir de conteúdos previamente estabelecidos para o bimestre e etapa escolar, com o

auxílio de recursos tecnológicos previamente planejados. Eles serão apresentados em subtópicos para melhor compreensão. O primeiro será a sequência didática de História sobre “Hércules”, desenvolvida junto aos alunos do 6º ano A. O segundo será a sequência de História desenvolvida com os alunos do 9º ano E sobre o “Regime Militar no Brasil”. Finalmente, a sequência didática de Geografia desenvolvida com os alunos do 9º ano A.

4.1. Sequência didática “Hércules” – 6º ano A

Resultado de um conjunto de material didático do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) em História, Elenita Dambrovsky (2013) desenvolveu uma Unidade Didática para alunos de 6º ano do Ensino Fundamental objetivando a geração de interesses, senso crítico, socialização, troca de experiências, entre outros, através do recurso de história em quadrinhos para compreender a mitologia grega de Hércules². Nessa Unidade Didática também há indicações de outros recursos, como filmes e documentários, para auxiliar em algumas atividades a serem desenvolvidas.

No entanto, o tempo disponível para a aplicação da atividade por completo depende um planejamento ao longo do bimestre, algo que não tinha disponível. Por isso, foi escolhida uma parte da “Atividade II – Conhecendo Hércules” para a aplicação junto aos alunos. A escolha dessa atividade deveu-se à indicação do recurso midiático, o vídeo-documentário, escolhido previamente.

Na introdução dessa etapa consta que o objetivo da atividade é “compreender qual a importância de Hércules para a civilização grega”. A compreensão dos alunos quanto à sociedade grega através do mito de Hércules, sua relação com os deuses, os questionamentos que a mitologia proporcionava foram também objetivos dessa proposta didática, assim como as diferenças presentes na História em relação às várias possibilidades de apresentar e analisar os conteúdos, identificar e perceber as relações da sociedade grega com os deuses, como a importância das manifestações religiosas desse povo, por exemplo.

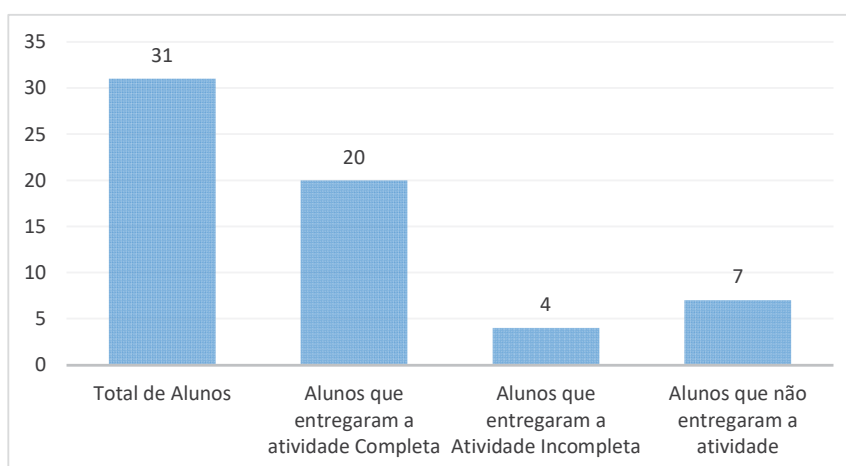
² Hércules foi um dos heróis mais cultuado entre os gregos. A lenda helênica foi incorporada pelos povos latinos e passou a ser conhecida entre os romanos como Hércules. Mais informações em Arantes Junior (2011).

Para atingir esses objetivos, foi sugerido o documentário “Confronto dos Deuses – Hércules”. Dividido em três partes, facilitou a demarcação das três etapas da atividade, como proposto por Dambrovsky, sendo que ao fim de cada parte do documentário foram propostas anotações e questões em uma folha separada a ser entregue ao fim da exibição. A parte 1 focou-se na identificação de pontos principais da mitologia de Hércules. Na parte 2 e 3 as questões exploraram a reflexão e opiniões próprias dos alunos, relativas ao tema proposto.

Leandro Karnal (2012, p. 85, 86) explicou que por conta dos alunos não conseguirem acompanhar uma longa explicação oral, o uso de imagens e a divisão das explicações por partes, recapitulando e tendo como auxílio outros recursos são formas de estímulo à concentração. Nesse aspecto, mais do que apenas seguir a divisão proposta por Dambrovsky, algumas pausas foram também utilizadas durante as partes do documentário, inclusive retornando a alguns pontos para que os alunos conseguissem compreender melhor algo que havia passado despercebido e realizassem as suas anotações.

Vale mencionar que antes do início da atividade sequencial foram repassadas todas as orientações sobre como fazer cada atividade, a data de entrega e como seria a avaliação. A participação dos alunos, uma das variáveis a serem analisadas, baseou-se na entrega final da atividade completa, de acordo com essas orientações. O quadro abaixo ilustra a participação dos alunos: dos que entregaram a atividade completa, dos que entregaram a tarefa incompleta e daqueles não entregaram a atividade.

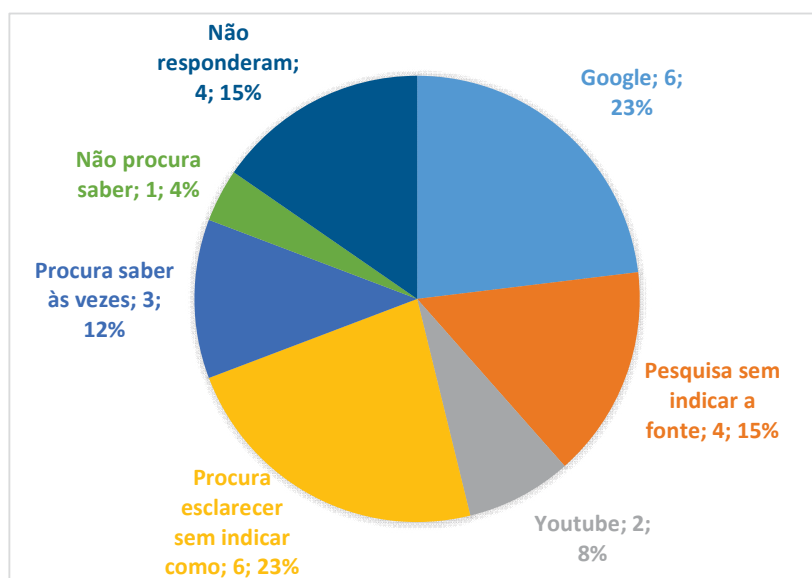
QUADRO 1 – ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO 6º A



FONTE: a autora (2018).

A Etapa 2 aborda o enfrentamento do desconhecido pelo mito Héracles. Com essa referência, foi solicitado aos alunos refletirem: “O que representam para nós os desafios em relação às dúvidas que temos em busca do conhecimento?”. Após discussão, a atividade solicitava que respondessem: “Quando temos dúvidas vamos em busca de esclarecê-las?” Nessa pergunta, solicitei que indicassem quais eram as fontes de busca que eles mais utilizavam para esclarecer suas dúvidas. No quadro abaixo estão as respostas dos 24 alunos que entregaram as atividades, tanto completas como as incompletas.

QUADRO 2 – ANÁLISE DAS RESPOSTAS DA ETAPA 2 DOS ALUNOS DO 6º A



FONTE: a autora (2018).

O documentário trabalhou com duas perspectivas: a mitológica e a histórica. Segundo o historiador Marc Bloch (2001), a pesquisa histórica tem como objeto principal os homens no tempo, ou o homem social. Para o compreendermos, partimos do nosso conhecimento do presente, de nossas experiências cotidianas para poder reconstituir o passado, para interpretar os documentos a serem analisados.

Pois bem, se as fontes são importantes para o estudo do objeto da História, é interessante constatar a percepção dos alunos sobre o acesso a essas fontes de conhecimento, a partir das suas próprias experiências. A proposta da Etapa 2,

propondo um momento de reflexão aos alunos de que a incerteza e o desconhecido fazem parte da vida, e incluo aqui como parte importante da pesquisa científica, mostra também qual a postura deles ao se depararem com o desconhecido. Ao solicitar que escrevessem sobre a quais fontes recorrem para solucionar suas dúvidas, constatou-se que encontram dificuldades, mesmo contando com um amplo acesso às informações que a Internet disponibiliza, seja em casa, no celular ou nos computadores da escola.

Dentre as fontes indicadas por eles na atividade, 6% dos alunos indicaram o “Google”, enquanto 15% indicaram que pesquisam, sem indicar o lugar. Dentre os 6% que responderam “Procura saber às vezes”, destaco a resposta de um dos alunos: “Só quando as dúvidas são importantes para mim”.

Paulo Freire (1996) fala da importância da curiosidade como exigência do próprio ensinar:

O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemológica ela vai se tornando. (FREIRE, 1996, P. 33)

Concluindo esta primeira análise, dos 31 alunos dessa turma, apenas 20 alcançaram os objetivos propostos em sua totalidade, 4 atingiram parcialmente os objetivos e 7 não atingiram os objetivos, principalmente por não participarem e/ou não entregarem. Além disso, a atividade proporcionou dados importantes quanto à busca de fontes para a resolução de dúvidas por parte dos alunos, suas dificuldades e, sobretudo, a importância de conhecermos seus interesses para despertar a curiosidade e a criatividade. São dados importantes para levar em conta, tanto no momento de refletir e replanejar a atividade quanto no momento do próprio replanejamento de ensino.

4.2. Sequência didática “Regime Militar no Brasil” – 9º ano E

Diferente das demais sequências didáticas utilizadas nesta pesquisa, esta foi elaborada a partir de algumas experiências prévias em sala de aula, somadas a algumas das sugestões de professores de História que lecionam na mesma escola.

Dividida em três etapas, o objetivo desta sequência didática foi demonstrar de que forma o processo histórico brasileiro recente ajudou a definir a nação que temos hoje, apresentar a perspectiva histórica em que o regime militar afetou o cotidiano da sociedade brasileira e sua economia, promover a reflexão sobre o período recente da história do Brasil e auxiliar a compreensão do processo histórico através de mídia audiovisual.

Para isso, a primeira etapa veiculou o documentário “Regime Militar no Brasil”, que aborda o tema pela perspectiva do historiador Boris Fausto. Este recurso midiático seguiu a perspectiva sugerida por Leandro Karnal, citada anteriormente, como também a utilização deste recurso de forma planejada, para que os alunos pensassem, refletissem e obtivessem uma nova percepção daquele momento histórico (2012, p. 82-85).

A segunda etapa foi o estudo dirigido, a partir de um questionário com o auxílio do livro didático. Já a terceira parte foi o acesso ao site www.memoriasdaditadura.gov.br, na Sala de Informática, com textos de referência para a construção de um Artigo de Opinião sobre o período.

Antes de adentrar aos resultados desta sequência didática, cabe ressaltar uma informação pertinente quanto à escolha do recurso tecnológico utilizado com esta turma, já que inicialmente se pretendia a utilização do aparelho celular como suporte pedagógico, juntamente com o vídeo-documentário e a Sala de Informática.

A proibição da utilização de celulares nos ambientes escolares por muito tempo foi tema de discussão, já que a fiscalização do cumprimento desta lei se tornou uma das principais dificuldades. O psicólogo e educador Yves de La Taille (2008) ao comentar sobre a Lei Estadual 12.730, de 2007, que até então proibia o uso de celulares nas redes de ensino do Estado de São Paulo, disse que o melhor a ser feito naquele momento era discutir os valores envolvidos na situação em vez de criar regras de controle ou recorrer sempre a leis.

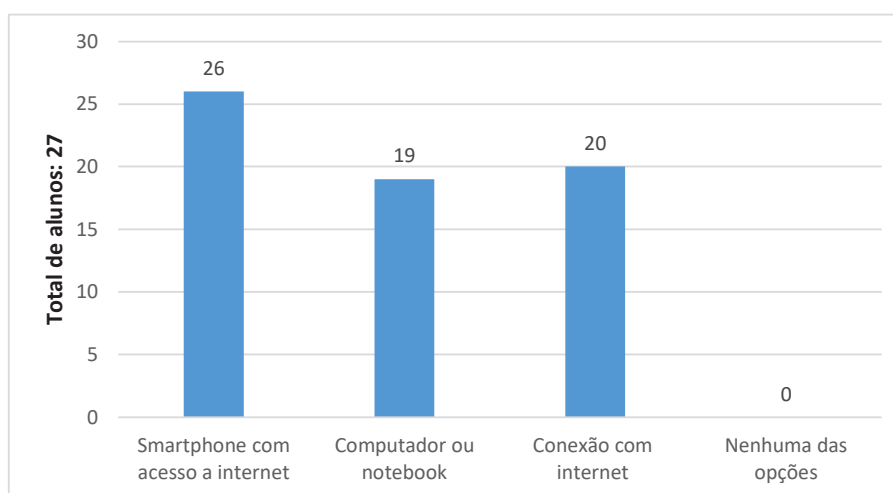
É claro que atender ao aparelho durante a aula atrapalha, mas como a escola enfrenta esse problema? Criando uma regra de controle em vez de discutir valores envolvidos nessa situação – o respeito ao outro, por exemplo. Penso que deveria haver uma regulação social, e não uma regulação estatal, para esses comportamentos. (Taille, 2008)

Como citado anteriormente, a referida lei proibia o uso de celulares em sala. No fim do ano de 2017, o governador do Estado de São Paulo, através da Lei nº 16567/17³, permitiu o seu uso para fins pedagógicos. A mesma possibilidade já era descrita na Lei Municipal de Ubatuba nº 3226/09, ou seja, desde 2009. No entanto, mesmo podendo ser utilizada para fins pedagógicos, a mesma lei exige que sejam fixadas placas nas salas de aulas com os dizeres: “*É proibido o uso de aparelho celular e equipamento eletrônico durante as aulas*”, sem a devida referência à exceção concedida pela lei.

Na EM Tancredo, o Regimento Interno segue a mesma linha interpretativa de ambas as leis. O interessante é que a utilização de equipamentos eletrônicos, assim como o aparelho celular, aparece apenas na “Seção IV – Das Penalidades e Sanções”. Talvez indique a visão vigente sobre o celular como um problema ser resolvido ao invés de suas possibilidades pedagógicas.

Pensando na possibilidade de sua utilização pedagógica, foi proposta uma pesquisa inicial, primeiro para saber como era a relação dos alunos com a tecnologia e acesso à Internet. O quadro abaixo demonstra que a maioria deles acessa a internet mais pelo celular.

QUADRO 3 – ACESSO A INTERNET E TECNOLOGIAS – 9º E



FONTE: o autor (2018).

³ Sobre o projeto de lei e sua aprovação na ALESP: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/aprovada-lei-que-libera-o-uso-do-celular-em-escolas-estaduais-de-sp/> e <http://www.educacao.sp.gov.br/noticia/tecnologia/sancionada-lei-que-libera-o-uso-de-celular-para-fins-pedagogicos-em-escolas-estaduais/> Acesso em 11 jan. 2018.

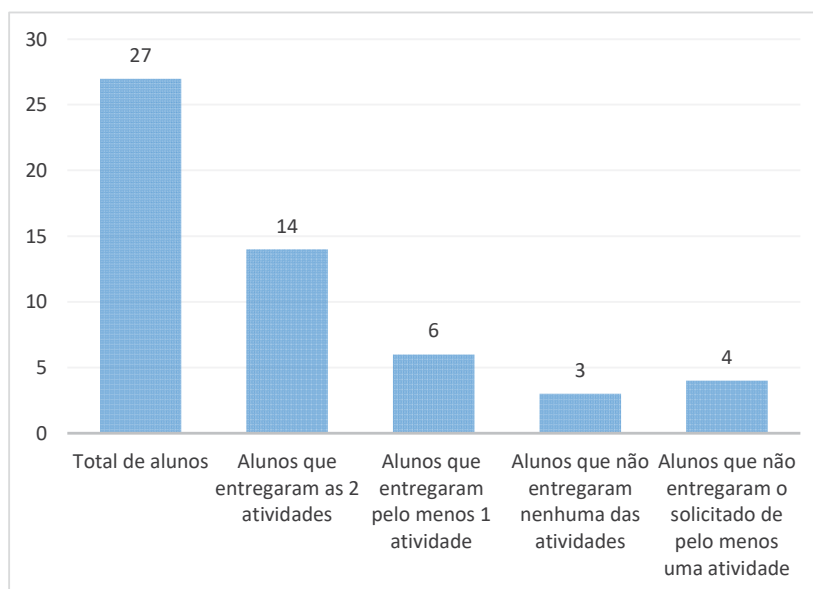
Contudo, a possibilidade de utilizar essa tecnologia em sala de aula precisou levar em conta não apenas o que foi captado nesta pesquisa inicial junto aos alunos. Isto porque, se a popularização dos aparelhos celulares e seus aplicativos adentrou o ambiente educacional, o mesmo não ocorreu com a expansão da banda larga nas escolas. Mesmo que haja a disponibilidade para a construção de planos e projetos que incluam o celular como recurso pedagógico, a falta de acesso à Internet pelo aparelho dos alunos, através de Wi-Fi, já impossibilita diversas ações nesse sentido.

Diante desta realidade, os professores têm em mãos duas escolhas: ou optam por utilizar o celular no modo off-line em sala de aula, priorizando os recursos dessa ferramenta que podem ser usados sem a necessidade de conexão à internet (fotos, vídeos, documentos salvos na memória, imagens etc.), ou deixam de lado seu uso, priorizando os trabalhos que exijam conexões com a rede de internet para serem trabalhadas na Sala de Informática, o que demanda organização e revezamento entre os professores, já que, na maioria das escolas, há apenas uma sala com um número limitado de computadores.

Neste sentido, a presente pesquisa, ao escolher quais os recursos que mais se adequavam às atividades propostas nas sequências didáticas, levando em conta a realidade do aluno e suas experiências prévias, de forma a atingir os objetivos descritos no planejamento, optou por não planejar o uso do aparelho celular em sala de aula por observar que isto, devido às restrições expostas, demanda um planejamento específico que leve em conta, inclusive, outros conhecimentos prévios.

Por fim, a informática e os vídeos documentários pareceram, a princípio, ferramentas que ajudariam no alcance dos objetivos propostos no planejamento das sequências didáticas. Assim, a primeira análise feita nesta sequência didática foi observar a participação dos alunos, a partir da entrega das duas atividades, o questionário e o Artigo de Opinião, como exposto no gráfico a seguir.

QUADRO 4 – ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO 9º E



FONTE: a autora (2018).

Neste aspecto, os 14 alunos que entregaram as atividades atingiram os objetivos propostos na sequência, participando das três etapas e produzindo o artigo solicitado.

Cabe ressaltar que os alunos 9º ano, durante o segundo semestre, devido ao processo seletivo de ingresso aos cursos de Ensino Médio Integrado ao Técnico, da própria escola, denominado “Vestibulinho”, buscam focar em atividades que ajudem a estudar para esta fase⁴. Neste sentido, possibilitar que o conteúdo trabalhado na disciplina os auxiliem na formulação de um Artigo de Opinião, texto cobrado no “Vestibulinho”, ajudou-os a se interessarem não só pela entrega da atividade, como pelo *feedback* quanto aos argumentos, estrutura do texto e outras sugestões.

Mesmo assim, é possível notar que nem todos participaram de forma integral de toda a sequência didática, mesmo as três etapas utilizando ferramentas

⁴ Sobre o último processo seletivo realizado na EM Tancredo:
<https://www.ubatuba.sp.gov.br/noticias/e-m-tancredo-abre-inscricoes-para-vestibulinho-no-dia-25/>
 Acesso em 01 mar. 2018.

diferentes que poderiam despertar o interesse sobre o tema trabalhado, o que também deve ser refletido como dados importantes.

4.3. Sequência didática “Percepção da hidrografia no meio urbano – Rio Acaraú, Ubatuba, SP” – 9º ano A

Elaborado pelo Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná, o projeto “Percepção da Hidrografia no meio urbano e conscientização quanto à preservação dos corpos hídricos” propôs uma sequência didática para ser trabalhada com alunos da Educação Básica. Nesta perspectiva, optou-se por adaptar duas etapas da sequência e propor uma atividade em grupo na Sala de Informática através da “computação em nuvem”.

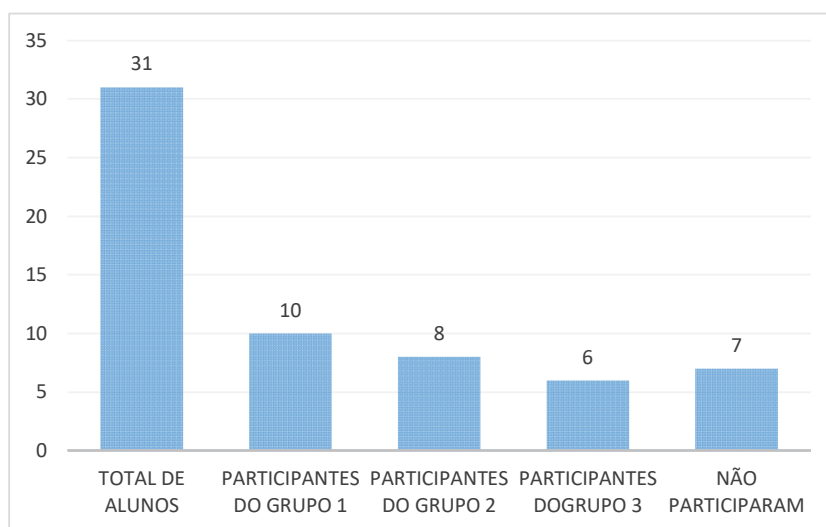
O objetivo desta sequência era a de promover a reflexão sobre a alteração da paisagem durante o processo de ocupação do meio urbano com foco na questão hidrográfica. Também visava verificar a percepção dos alunos sobre os corpos hídricos e sua importância no município em que vivem, auxiliar a compreensão dos métodos de pesquisa e de busca por fontes para ampliarem o conhecimento sobre o tema abordado, ensinar métodos de trabalho colaborativo através de ferramentas disponíveis na sala de informática e orientar a produção do texto colaborativo com o auxílio de equipamentos multimídia.

A etapa 1 consistiu na veiculação do documentário “O rio e a cidade, a cidade e o rio”, que mostrou a relação do rio Belém e a cidade de Curitiba, PR. Na etapa 2 foi a vez de captar a percepção dos alunos sobre o tema abordado através do “Questionário – Percepção sobre a água”, no qual, através de respostas próprias, refletiram sobre a serventia, a importância e o ciclo da água. Por fim, na etapa 3, iniciou-se o trabalho colaborativo na Sala de Informática.

Nesta etapa, dividiu-se a sala em três grupos e foram repassadas as orientações sobre como trabalhar a computação em nuvem, método de pesquisa e como elaborar o texto em conjunto. O Grupo 1 ficou responsável pela pesquisa da história do Rio Acaraú (Ubatuba, SP), o grupo 2 se concentrou na pesquisa sobre quais eram os principais problemas no rio, impactado pelo crescimento urbano no seu entorno, e o grupo 3 buscou pesquisar quais foram as iniciativas que o município buscou ou ainda busca para resolver estas problemáticas.

A principal forma de avaliação foi a participação em todas as etapas e na colaboração para a produção do texto final, com a junção das três partes. Deixando claro a todo o grupo que para atingir o objetivo final, o texto sobre o Rio Acaraú, era necessária a produção e a entrega de todos os textos na data combinada. O gráfico abaixo ilustra a divisão dos grupos e a participação dos alunos.

QUADRO 5 – ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO 9º A



FONTE: a autora (2018).

Para irmos além nas reflexões sobre os resultados desta sequência didática, alguns pontos pertinentes merecem atenção. Várias salas de aula da EM Tancredo possuem Televisão. No entanto, esta turma não possuía uma TV em sua própria sala, sendo necessário se deslocar para outra, ou, neste caso, ir até a Sala de Informática que contava com uma disponível. A questão é que a Sala de Informática não foi projetada como uma sala de vídeo. Mesmo mantendo os computadores desligados para evitar distrações, o posicionamento das cadeiras não privilegia a centralização da TV nesta sala, conforme ilustra a imagem abaixo.

IMAGEM 1 – FORMATO DA SALA DE INFORMÁTICA



FONTE: a autora (2017).

Sobre a etapa 2, a solicitação aos alunos foi de preencherem as questões em casa, para que assim pudessem refletir com mais cuidado sobre as respostas e tivessem apoio para o debate que faríamos na próxima aula. A constatação de que apenas 3 alunos haviam respondido em casa fez com que o debate fosse trocado pela construção da atividade em sala, finalizando, com menos tempo, um pequeno debate.

De certo, as atividades propostas como lição de casa são uma oportunidade, de acordo com Eliane Palermo Romano (s.d.), de autoaprendizagem, autoconhecimento, de reflexão, expressão e crescimento pessoal do aluno. Desta forma, a tarefa deve valorizar atividades que proporcionem o gosto pelo estudo, despertando o desejo de conhecimento, em vez de exercícios mecânicos e repetitivos. Contudo, há divergências quanto à compreensão da Lição de Casa como atividade importante de acompanhamento do avanço do processo de aprendizagem dos alunos. Romano aponta que há alunos que não se permitem errar e, por isso, evitam fazer as lições; outros, que têm dificuldades na organização da rotina, esquecem de priorizar as lições de casa. Há também os que simplesmente não se interessam, deixando de fazê-las ou fazendo sem a qualidade esperada.

Desse modo, a Lição de Casa é um problema a ser levado a sério por nós professores, assim como algo a ser refletido junto aos pais dos alunos, visto ser algo a ser solucionado além do ambiente escolar, mas que prejudica o avanço educacional do aluno em vários aspectos.

Por fim, na última etapa de pesquisa, os alunos construiriam o texto de forma colaborativa através da plataforma em nuvem. Além de lidar com aspectos de trabalho em grupo, o método foi escolhido também para solucionar um problema existente na escola quanto à impressão de trabalhos, tarifado aos professores e alunos, e evitar armazenar papéis nos pequenos espaços fornecidos aos professores para esse fim.

Além disso, algumas observações interessantes foram constadas durante o processo de aplicação desta etapa quanto ao conhecimento prévio dos alunos sobre o uso de computadores e acesso às plataformas. Primeiro, sendo necessária uma conta válida de e-mail para acessar a plataforma em nuvem, a surpresa surgiu em saber que alguns alunos não sabiam o que era um e-mail. Outros que compreendiam, não se recordavam da senha e outros que simplesmente não tinham uma conta cadastrada. Houve alunos que confundiam e-mail com rede social - talvez devido à necessidade de um endereço de e-mail para efetuarem o *login* nestas redes.

Certamente os e-mails são uma ferramenta útil para a comunicação, essenciais para a realização de atividades educacionais, tais como cursos, comunicação instrucional, avisos, discussões de grupo e possibilidades de envio de anexos (GUIZELINI, 2017). Claro que diagnosticar este tipo de dificuldade não estava previsto no planejamento, já que, por vezes, acreditamos no conhecimento prévio de nossos alunos apenas pelo fato de terem acesso mais amplo às tecnologias do que as gerações anteriores. Entretanto, além de readaptar uma aula para explicar e auxiliar os alunos com estas dificuldades, o replanejamento deverá levar em conta essas possibilidades.

Outro ponto a considerar foi o imprevisto de em uma das aulas não conseguirmos a conexão com a internet, por motivos externos à escola. Sobre ter pré-planejado atividades extras, Rose Karnal (KARNAL, 2012) explica que é importante, já que há alunos que conseguem fazer as atividades com mais rapidez que os demais colegas. Neste caso, as atividades extras, sem a necessidade de utilização da internet, seriam ideais para aquele momento.

Por último, a análise é sobre a não participação unânime de todos os alunos durante as aplicações das sequências didáticas realizadas nestas três turmas, mesmo utilizando recursos tecnológicos e métodos diferenciados. Karnal explica que o método criativo deve ser um meio facilitador da aprendizagem, mas que não existe um método que agrade a toda uma turma: apenas que há métodos em que a maioria não fique entediada (KARNAL, 2012, p. 46). Também existe a probabilidade de que a indisposição destes alunos na participação e produção das atividades propostas sejam resultado do silenciamento provocado pela prática pedagógica clássica (ASSUNÇÃO e HUK, 2009, p. 02, 03). Por isso, considerar os motivos que levam alguns alunos a não participarem deve ir além de apenas apontar novos métodos de aprendizagem, mas detectar fatores externos que impeçam estes alunos de apresentarem tanto evoluções quanto dificuldades relacionadas às atividades propostas em sala de aula ou nas lições de casa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, o planejamento mostrou-se um instrumento eficaz, visto que organizador da ação a partir dos objetivos escolhidos para tal. A reflexão quanto ao que os alunos necessitam aprender transformada em objetivos pode, sim, orientar toda a ação a ser desenvolvida na sala de aula, pois é a partir deles que o planejamento é direcionado quanto à escolha dos conteúdos, recursos (tecnológicos, midiáticos etc.) e quais métodos serão utilizados. Só assim poderemos realmente acompanhar o progresso dos alunos, a eficácia do método e do recurso e a avaliar se os objetivos foram alcançados. Contudo, o processo de construção do próprio planejamento demanda reflexão e estudo. Assim sendo, não pode ser considerado como apenas uma etapa burocrática do trabalho docente. Exatamente por ser um importante organizador de ação, sem a utilização do planejamento ou seu uso de forma ineficaz o que impera é a improvisação. Mesmo que saibamos que imprevistos fazem parte da realidade, o planejamento prévio das atividades a serem desenvolvidas em sala de aula nos ajudará a identificar quais foram os imprevistos, os motivos que os desencadearam e quais as soluções tomadas naquele momento. Isso poderá ajudar no momento de replanejar as atividades, levar em consideração tais fatores e, se possível, evitá-los.

Em segundo lugar, é necessário compreender, antes de tudo, que o fato de os alunos terem mais acesso a recursos tecnológicos do que as gerações anteriores não é pressuposto de que sabem utilizá-los de maneira eficaz, do ponto de vista pedagógico. A alta acessibilidade dos alunos no que se refere aos celulares, computadores e diferentes mídias não significa que compreendem todos os processos envolvidos em atividades que busquem a melhoria do aprendizado. Neste sentido, o professor deve conhecer as ferramentas que pretende utilizar em sala de aula, ter claro quais serão as etapas a seguir, a fim de alcançar o objetivo referente àquele conteúdo a ser trabalhado e orientar os alunos passo a passo, mesmo que seja desde o mais básico para o mais complexo. Exemplo disso foi a constatação, durante a elaboração da atividade na sala de informática em que houve alunos com dificuldades por não saberem o que era um e-mail ou o que o acesso a ele possibilita. Assim, é necessário considerar quais são os conhecimentos prévios em torno do recurso a ser utilizado e trabalhar com os alunos antes da atividade planejada.

As orientações são o terceiro ponto para os professores que pretendem utilizar recursos tecnológicos em sala de aula, tanto no plano individual como nos planos de sequências didáticas. Todas as orientações devem ser claras quanto às etapas que os alunos deverão seguir. Principalmente quanto à forma de pesquisa e tarefas a serem realizadas em casa. O acesso às fontes de pesquisa, métodos de pesquisa e formas de trabalho individual e em equipe, tanto off-line como online, devem ser bem explicadas e, se possível, debatidas com os alunos. Este estudo de caso mostrou que os alunos têm carências de conhecimento quanto à forma de pesquisar, visto indicarem o “Google” como uma das fontes principais de pesquisa. Analogamente, é como descrever que a fonte de pesquisa é a “biblioteca” em vez de considerá-la o local de busca por estas fontes. É necessário buscar meios de ensinar aos alunos a metodologia da pesquisa científica através dos recursos tecnológicos, o que demanda novas pesquisas com mais tempo disponível para aprofundamento.

Além disso, três observações são pertinentes para nós professores quanto aos recursos tecnológicos integrados à educação. A primeira é a de que as novas ferramentas tecnológicas não são a solução para todas as problemáticas da sala de aula e constata-se isso pela não participação de todos os alunos, mesmo em atividades dinâmicas e através destes recursos interativos. Provavelmente, este

comportamento esteja associado aos métodos clássicos de ensino-aprendizagem, conforme já dissertado pelos autores mencionados anteriormente. A mudança comportamental requer mais pesquisas quanto às reais causas da desmotivação em cada contexto, bem como estudos que abordem este tema especificamente.

Em segundo lugar, mesmo com as recentes mudanças legislativas quanto ao uso pedagógico dos aparelhos celulares em sala de aula, muitas escolas ainda carecem de acessibilidade de banda larga. O uso desta ferramenta de modo a auxiliar no alcance de objetivos pedagógicos depende de um planejamento mais específico, principalmente se for utilizá-la no modo offline, através dos aplicativos e recursos disponíveis nos aparelhos, o que demanda pesquisas e um tempo maior para o planejamento. Assim como os computadores tiveram desde a sua implementação dentro do ambiente escolar o apoio do poder público, faz-se necessário o mesmo no incentivo à utilização dos celulares como ferramentas pedagógicas. Tanto a secretaria da educação municipal como a gestão escolar precisam, pelo menos, modificar a perspectiva do celular em sala de aula apenas como um problema a ser resolvido.

Em terceiro e mais importante, mesmo sabendo que há problemáticas a serem resolvidas, o uso de mídias não deve ser descartado no atual contexto social no qual a educação se insere. A utilização de ferramentas tecnológicas e de mídias é fundamental para que os alunos se sintam integrantes do próprio processo social que vivenciam fora do ambiente escolar, e que este não está desconectado daquele. É necessário um planejamento que leve em conta tais fatores essenciais para possibilitar o acompanhamento da evolução nesta percepção dos alunos e evitar que o uso destes recursos tecnológicos e midiáticos, tão importantes no dia a dia, sejam utilizados apenas como um meio de distração.

Perceber que os recursos tecnológicos e de mídias podem ser ferramentas que solucionam problemas pode ser o primeiro passo para ajudar os professores a elaborarem atividades que os utilizem como meio para conseguir alcançar o objetivo principal da escola e do corpo docente, o aprendizado do aluno.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSUNÇÃO, Zeneida Alves de; HUK, Vanessa Kruchelski. **A Radioescola como meio complementar na transmissão de conhecimento**. In: XII Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde, 2009, São Bernardo do Campo, SP. Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ANDRÉ, Lenir Cancelli; ENRICONE, Délcia; SANT'ANNA, Flávia Maria; TURRA, Clódia Maria Godoy. **Planejamento de Ensino e Avaliação**. 11ª Ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1995.

ARANTES JUNIOR, Edson. O uso da imagem de Hércules: mito, memória e identidade no mundo romano. **Revista de humanidades**. Jul/dez. 2011. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1257> Acesso em 17 abr. 2018.

BENNERTZ, Rafael. 5 respostas para você começar a usar a computação em nuvem. In: **Nova Escola**. Nov. 2011. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/1346/5-respostas-para-voce-comecar-a-usar-a-computacao-em-nuvem> Acesso em 27 jul. 2016

BOOHT, Wayne C; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. Tradução Henrique A. Rego Monteiro. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DAMBROVSKI, Elenita. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE** – Produções didático-pedagógicas. Cantagalo-PR: Vol. II, 2013, p 17-20. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_hist_pdp_elenita_dambrovski.pdf Acesso em 01 out. 2017.

FAXINA, Elson (Organizador). **Integração da TV e do Vídeo em projetos Multimídiaivos**: disciplina do módulo II / Organizador: Elson Faxina. Curitiba: UFPR, 2017 [online]

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Lei 16567, de 06 de novembro de 2017**. Altera a Lei nº 12730, de 11 de outubro de 2007, que proíbe o uso de celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário de aula. Disponível

em https://governo-sp.iusbrasil.com.br/legislacao/517929877/lei-16567-17-sao-paulo-sp?ref=topic_feed Acesso em 11 jan. 2018.

GUIZELINI, Dieval (Organizador). **Uso pedagógico das ferramentas de interatividade**: disciplina do módulo I / Organizador: Dieval Guizelini. Curitiba: UFPR, 2017 [online].

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>> Acesso em 10 jan. 2016.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Padrões de competência em TIC para professores**: Diretrizes de implementação. UNESCO. 2009.

ROMANO, Eliane Palermo. Lição de casa: que prática é esta? In: **Escola Comunitária de Campinas**. [s.d.] Disponível em http://www.ecc.br/site/pasta_258_0_licao-de-casa-%C3%82%E2%80%93-que-pratica-e-esta-.html Acesso em 01 mar. 2018

SECRETARIA MUNICIPAL DE UBATUBA. **Regimento Interno da Escola Municipal “Presidente Tancredo de Almeida Neves”** [Anexo ao Regimento Comum das Escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental Regular e Supletivo do Município de Ubatuba]. 16 mar. 2016.

SCHLEMMER, Cris Betina (Organizadora). **Metodologia da Pesquisa Científica**: disciplina didático-pedagógica/ Organizadora: Cris Betina Schlemmer – Curitiba: UFPR, 2017 [online].

TEIXEIRA, Irides Aparecida Cavalheiro. **O uso do laboratório de informática Paraná Digital na cooperação para uma educação de qualidade**. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br> Seção: Mídias integradas na educação.

UBATUBA. Lei nº 3226 de 10 de setembro de 2009. **Dispõe sobre a proibição da utilização de telefone celular e outros em sala de aula**. Disponível em https://www.ubatuba.sp.gov.br/diariooficial/lei_2016_3933/ Acesso em 14 jan. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR. **Percepção da hidrografia no meio urbano e conscientização quanto à preservação e recuperação dos corpos hídricos**. [Sequência Didática] Curitiba: 2016. Disponível em: www.agua.ufpr.br Acesso em ago. 2017.

APÊNDICE A – PLANO DE AULA 6º ANO A



Escola Municipal Tancredo de Almeida Neves

R. Rio Grande do Sul, nº 600 - Centro - Ubatuba - SP

PLANO DE AULA

Curso: História

Professor: Patrícia Fornitani

Público: 6º anos

Assunto: A mitologia de Hércules na cultura grega

Introdução

Alguns podem considerar uma forma de pouca praticidade o uso do documentário em sala de aula, contudo a proposta é apresentar ao aluno uma forma de “ler” a história e entendê-la, compreendendo que a “realidade” não é dicotômica, não é branco e preto, mas que contém tons de cinza. Compreender estes tons de cinza é o que vai proporcionar que o aluno desenvolva uma capacidade de criticidade tão almejada pelas leis brasileiras. Não basta criticar por criticar, mas dar ferramentas e meios para que o aluno tenha uma crítica consistente, observando sua realidade e o que o cerca. Entender o lugar de fala de quem produz, seja a história, seja um filme ou o livro didático. Proporcionar tais meios é, afinal, o papel do professor em sala de aula. Devemos usar várias metodologias em sala de aula para contribuir com o aprendizado, o documentário que será assistido sequencialmente de como Hércules cumpriu seus trabalhos e as influências que teve dos deuses para cumprir o que lhe foi destinado ajudarão o aluno a conhecer mais sobre o assunto em questão. Muitas informações da sociedade grega poderão ser analisadas durante a observação do documentário.

Carga horária: 3h/aulas

Objetivo

Compreender qual a importância do mito de Hércules para a civilização grega.

Objetivos específicos

- Compreender a sociedade grega através do mito de Hércules, sua relação com os deuses, os questionamentos que a mitologia proporcionava, e as diferenças presentes na História em relação às várias possibilidades de apresentar e analisar os conteúdos;
- Identificar as relações da sociedade grega com os deuses e perceber a importância das manifestações religiosas desse povo;

Metodologia

O documentário “Confronto dos Deuses: Hércules” será apresentado aos alunos em três partes. Em cada etapa haverá questões norteadoras que os alunos compreendam os pontos principais sobre a temática.

Materiais

Tv, notebook, cabo HDMI – para veicular o documentário.

Folha separada para entrega das questões.

Materiais de estudo pós-aula

Informar aos alunos que o documentário está disponível na plataforma *Youtube*, onde encontrarão outros deuses gregos que foram abordados também na sequência de documentários “Confronto dos Deuses”.

Além disso, para os alunos se aprofundarem de maneira mais lúdica no mito do herói Hércules (Hércules para os romanos) há também o filme “Hércules” (2014) e o filme em formato de desenho Hércules (1997).

Avaliação

De aspecto formativo, a avaliação levará em conta a entrega da atividade contendo as questões norteadoras, preenchidas conforme orientado, dentro do prazo combinado.

Bibliografia

DAMBROVSKI, Elenita. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE** – Produções didático-pedagógicas. Cantagalo-PR: Vol. II, 2013.

Anexo 1 – Etapas da sequência didática

Parte 1/3

Observe e escreva qual era o objetivo dos seguintes itens:

- a)** Semi-deus –
- b)** Culpa de sangue –
- c)** Oráculo de Delfos –
- d)** 1ª função dos trabalhos de Hércules –
- e)** Vamos observar qual tema fica evidente na realização dos trabalhos em relação à natureza. Os trabalhos de Hércules são relacionados com as olimpíadas por quais motivos? Cite-os.

Parte 2/3

Os desafios daquele momento levaram Hércules, para além das fronteiras de um mundo desconhecido, através de um território que nenhum grego conhecia.

- f)** O que representam para nós os desafios em relação às dúvidas que temos em busca do conhecimento? Quando temos dúvidas vamos em busca de esclarecê-las?

Parte 3/3

As informações contidas nos documentários levaram a seguinte reflexão: Se Hércules não tinha culpa pelo ato que cometeu, já que uma entidade supostamente divina agiu sobre ele de forma má e impiedosa fazendo com que ele matasse sua própria família sem se dar conta de seu ato.

- g)** Escreva se você concorda ou discorda e explique o motivo da sua reflexão. Hércules, cumprindo os trabalhos, sua culpa sumirá? Compare com exemplo da atualidade.
- h)** Por que, para os gregos, os heróis deviam sofrer e buscar uma maior aproximação dos deuses?

APÊNDICE B – PLANO DE AULA 9º E



Escola Municipal Tancredo de Almeida Neves
R. Rio Grande do Sul, nº 600 - Centro - Ubatuba - SP

PLANO DE AULA

Curso: História

Professor: Patrícia Fornitani

Público: 9º E

Assunto: O regime militar no Brasil (1964-1985)

Introdução

Após uma breve contextualização do governo de Jânio Quadros, que com sua renúncia possibilita ao seu vice João Goulart assumir a presidência, modifica os rumos políticos no Brasil. Setores descontentes com a postura no novo presidente em exercício fazem forte oposição as ideias e projetos que Goulart pretende constituir em seu mandato.

Relembrando que o período é marcado pela bipolaridade advinda da Guerra Fria no contexto internacional, fica mais claro compreender os discursos cada vez mais voltados para a contenção de uma possível “invasão comunista”.

Outro ponto a ser apresentado aos alunos é sobre conceituações de democracia, ditadura militar, ditadura civil-militar para que possam compreender as discussões historiográficas sobre o tema que entrarão em contato nesta sequência didática.

Tempo: 4 h/aulas

Objetivo

Demonstrar de que forma o processo histórico brasileiro recente ajudou a definir a nação que temos hoje.

Objetivos específicos

- Apresentar a perspectiva histórica em que o regime militar afetou o cotidiano da sociedade brasileira e sua economia;
- Promover a reflexão sobre o período recente da história do Brasil;

- Auxiliar a compreensão do processo histórico através de mídia audiovisual;

Metodologia

A primeira etapa consistirá na veiculação do documentário "Regime Militar no Brasil", que aborda o tema pela perspectiva do historiador Boris Fausto.

O estudo dirigido, segunda etapa, ocorrerá a partir de um questionário abordando os temas principais do documentário e dos textos que abordam a temática no livro didático.

A sala de informática será a terceira etapa, local que os alunos acessarão um site que aborda temáticas específicas sobre o período do regime militar no Brasil que irá auxiliá-los na construção da atividade avaliativa.

Materiais

TV, notebook, cabo HDMI – para veicular o documentário.

Livros didáticos – para acessar os textos e auxiliar no questionário.

Sala de informática – acesso aos computadores e rede de internet para pesquisar no site indicado.

Materiais de estudo pós-aula

O próprio site dá indicações de livros, filmes, documentários, artigos sobre temas ligados ao período analisado.

Avaliação

De aspecto formativo, a avaliação levará em conta a entrega do Estudo Dirigido (Questionário) e da produção de um Artigo de Opinião que aborde algum tema do Regime Militar no Brasil (1964-1985) encontrado no site indicado.

Bibliografia

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar**: 9. 2ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2015, p. 208-219.

_____. MEMÓRIAS DA DITADURA. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br>
Acesso em out. 2017.

TVESCOLA. **História do Brasil por Boris Fausto** – Regime Militar no Brasil. 2002. Disponível em: <https://tvescola.org.br/tve/video/historia-do-brasil-por-boris-fausto-regime-militar> Acesso em 02 out. 2017.

Apêndice 1 – Etapas do Plano de Aula “Regime Militar no Brasil”

ETAPA 1 - Documentário: HISTÓRIA DO BRASIL POR BÓRIS FAUSTO - Regime militar.

Sinopse: Política, economia, Guerra Fria e polarização de poderes são algumas das temáticas que tentam explicar o Regime Militar no Brasil. O país vivia um período de inflação exorbitante e setores sociais viam com maus olhos o regime populista de João Goulart, que era considerado muito próximo do comunismo. A linha dura não entendia a democracia como um regime ideal aos tempos, defendendo total caça aos opositoristas. O grupo da Sorbonne esperava purificar o país para se reinstaurar a democracia. Nessa luta, o povo se viu diante da supressão de direitos, da extinção dos partidos e tortura à oposição

Ano de produção: 2002

Duração: 00:28:20

Área temática: Ética, História

Produção: TV Escola / Polo de imagens

Temas abordados no documentário: Atos Institucionais; Doutrina da Segurança Nacional; Os “linha dura”; Anos de Chumbo; Milagre Econômico; Novo Sindicalismo; Abertura Democrática.

ETAPA 2 - Estudo Dirigido (Questionário)

- 1- O que foram os Atos Institucionais? Quantos houveram? Qual era o objetivo desses Atos?
- 2- Doutrina de Segurança Nacional - o que era? Quem organizou?
- 3- Quem eram os “linha-dura”? Em que acreditavam?
- 4- Por que o governo de Médici é chamado de “Anos de Chumbo”? Justifique sua resposta?
- 5- O que era o “Milagre Econômico”?
- 6- No governo Geisel, no campo da política ocorreu uma mudança? Qual foi?

ETAPA 3 - Pesquisa e produção de um Artigo de Opinião na Sala de Informática a partir do site: <http://memoriasdaditadura.org.br>

APÊNDICE C – PLANO DE AULA 9º A



Escola Municipal Tancredo de Almeida Neves
R. Rio Grande do Sul, nº 600 - Centro - Ubatuba - SP

PLANO DE AULA

Curso: Geografia

Professor: Patrícia Fornitani

Público: 9º A

Assunto: Percepção hidrográfica no meio urbano através do Rio Acaraú, no município de Ubatuba, SP

Introdução

A percepção e conscientização quanto aos corpos hídricos são temas importantes para serem trabalhados em sala de aula para que os alunos possam compreender a sua realidade e buscar soluções para problemas que eles percebiam ser necessários. Os alunos desta turma em que leciono a disciplina de Geografia, pouco conheciam sobre todos os rios que existem no município em que vivem, tampouco quais os problemas e desafios que a cidade enfrenta com a falta de saneamento básico em vários bairros e que prejudicam alguns destes corpos hídricos. Por este motivo, esta sequência didática além de ajuda-los a conhecer a relação de um dos rios do município é importante para o fortalecimento da autonomia deles quanto a pesquisa e decisões sobre como podem trabalhar em grupo e de forma colaborativa, visto que o trabalho final depende de todos. Ao utilizar os meios tecnológicos para facilitar estes processos, os alunos perceberão que de formas simples, é possível conhecer melhor a sua realidade, podendo produzir atividades de forma eficaz, organizando melhor o tempo e adquirindo habilidades importantes para um aprendizado autônomo e colaborativo.

Carga horária: 9h/aulas

Objetivo

Promover a reflexão sobre a alteração da paisagem durante o processo de ocupação do meio urbano com foco na questão da hidrografia.

Objetivos específicos

- Verificar a percepção dos alunos sobre os corpos hídricos e sua importância no município em que vivem;
- Auxiliar a compreensão dos métodos de pesquisa e de busca por fontes para ampliarem o conhecimento sobre o tema abordado;
- Ensinar métodos de trabalho colaborativo através de ferramentas disponíveis na sala de informática;
- Orientar a produção do texto colaborativo com auxílio de equipamentos multimídias sobre o tema abordado.

Metodologia

A primeira etapa será a veiculação do vídeo documentário: “O rio e a cidade, a cidade e o rio”. Um questionário será a segunda etapa sobre a percepção dos alunos quanto a água e sua importância. Já a terceira etapa consistirá na divisão em três grupos para a atividade de pesquisa na sala de informática através da utilização de plataforma em nuvem. A quarta e última etapa será a produção de um texto colaborativo pelas três equipes também em plataforma em nuvem.

Materiais

TV, notebook e cabo HDMI – para veiculação do documentário.

Sala de informática – computadores e acesso a rede de internet. (Os alunos deverão ter cadastrado um e-mail do *gmail* para utilização da plataforma *online* para produção das atividades e armazenamento em nuvem. Caso não tenham serão passadas as instruções de como cadastrar.)

Materiais de estudo pós-aula

Orientar os alunos que há sites específicos que tratam do tema hidrográfico no município de Ubatuba onde poderão colher mais informações não só sobre o Rio Acaraú como os demais rios locais. Além disso, há o Projeto Tamar, o Aquário de Ubatuba que sempre disponibilizam atividades e palestras sobre as temáticas.

Avaliação

De aspecto formativo, a avaliação será dividida em três notas:

- Participação em grupo (uma nota para o grupo)
- Participação em sala nas atividades propostas e na colaboração para a produção dos trabalhos em grupo (nota individual)
- Produção Final do Texto (nota geral para a sala – entrega definitiva do texto)

Bibliografia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR. **Percepção da hidrografia no meio urbano e conscientização quanto à preservação e recuperação dos corpos hídricos.** [Sequência Didática] Curitiba: 2016. Disponível em: www.agua.ufpr.br Acesso em ago. 2017.

Anexo 1 – Etapas da Sequência Didática

ETAPA 1 – DOCUMENTÁRIO “O RIO E A CIDADE, A CIDADE E O RIO”

Sinopse: O documentário procura demonstrar a relação entre o rio Belém e a cidade de Curitiba, estado do Paraná. O objetivo é apresentar as alterações da paisagem nas margens do rio Belém durante a ocupação urbana do município. Aqui, professores e professoras, vocês podem utilizar o nosso vídeo documentário para provocar a discussão com seus alunos, construindo a relação entre um rio urbano da sua cidade e a modificação da paisagem observada.

Ano de produção: 2016

Duração: 00:19:50

Área temática: Ética, História

Produção: Núcleo EaD – SEPT/ UFPR

ETAPA 2 - QUESTIONÁRIO SOBRE A PERCEPÇÃO SOBRE A ÁGUA

Questionário desenvolvido a partir dos indicadores abaixo:

Serventia da água: tem a intenção de identificar a percepção dos respondentes sobre o uso da água.

Importância da água: tem o objetivo de levantar o real valor dado pelo respondente a este recurso natural, para si mesmo e para o planeta.

O ciclo da água: avaliar se o respondente conhece o ciclo da água.

QUESTÕES:

01 – Quando você pensa em água, qual é a primeira palavra que vem à sua cabeça?

02 – Na sua opinião, qual a utilidade da água?

03 – Você sabe o que é e como funciona o ciclo da água? Explique.

04 – Para você, a água é um recurso finito ou infinito? Explique.

05 – Será que todas as pessoas têm acesso à água de maneira igualitária? Explique.

ETAPA 3 – DIVISÃO DOS GRUPOS E TEMAS PARA PESQUISA NA SALA DE INFORMÁTICA

Grupo 1 – História do Rio Acaraú

Grupo 2 - Principais problemas do Rio Acaraú

Grupo 3 – Busca por soluções para o Rio Acaraú.

ETAPA 4 – PRODUÇÃO DO TEXTO COLABORATIVO NA SALA DE INFORMÁTICA

União das três partes, breve revisão e indicação das fontes utilizadas.